

## NOSSA DAMA AZUL EM TEMPOS PÓS-MODERNOS

HAENDEL MOTTA ARANTES\*  
Primeiro-Tenente (S)

Este artigo pretende destacar não propriamente um aspecto do Poder Marítimo, mas propor uma reflexão acerca do poder simbólico do emblema **Amazônia Azul** — cunhado pelo então Comandante da Marinha, Almirante-de-Esquadra Roberto de Guimarães Carvalho — em relação ao cenário histórico atual, chamado hoje de *pós-moderno*.

Começemos pela definição deste cenário. A pós-modernidade pode ser descrita, dentre as muitas abordagens oferecidas por tipos variados de autores na atualidade, como um momento histórico-cultural marcado por pouquíssima aderência a valores e símbolos, espécie de decadência conceitual não propriamente entendível

enquanto mera inversão de valores, mas fragmentação destes, hoje obrigados a ceder em seus contornos e se liquefazer, garantindo assim mobilidade a uma rede de estritos imperativos comerciais.

Dany-Robert Dufour, professor e filósofo francês, destaca um acontecimento recente relativo à Marinha inglesa, cuja implicação vem refletir de forma emblemática o tipo de manobra de que trata o pós-modernismo: há apenas alguns anos, em 2002, os navios da Marinha Real Britânica deixaram de ser oficialmente tratados pelo pronome *she* — dedicado ao gênero feminino na língua inglesa —, em favor do *it* — pronome de referência a objetos<sup>1</sup>.

\* Psicólogo clínico Policlínica Naval Nossa Senhora da Glória.

1 Cf. Dany-Robert Dufour, *A arte de reduzir as cabeças – sobre a nova servidão na sociedade ultraliberal*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2005, p.13.

Essa pequena alteração pode parecer irrisória a olhares menos atentos, mas indica por trás de si, de acordo com Dufour, o esvaziamento de toda uma relação afetiva por meio da qual os marinheiros ingleses têm por costume alimentar de estima e cuidado suas embarcações “esposas”, “mães”, “amantes” — afetos cuja cotação, em valores pós-modernos, parece seguir em queda.

Esse episódio, no entanto, serve apenas de exemplo a Dufour para ilustrar o fato de que, de uma maneira mais radical, a pós-modernidade apresenta-se como um convite a que todos os valores da cultura desfaçam-se de sua sobrecarga simbólica<sup>2</sup>, visando com isso facilitar uma nova ordem global cujo intento é a sempre melhor, mais eficiente e livre circulação de mercadorias.

Desencorajam-se assim certos vínculos morais, de tradição organizacional, ou mesmo transcendentais, em relação ao cultivo de práticas que, sob essa nova ótica, só servem para atravancar sua rápida apropriação para efeitos de compra e venda.

O guru financeiro americano, George Soros, aponta o teor dessas mudanças também no campo das relações interpessoais, afirmando que hoje as “transações” tomaram o lugar das “relações”<sup>3</sup>.

Dessa perspectiva, a luta individual pelo acesso a esse novo mundo de consumo globalizado torna princípios humanos, bem como ideologias de maior elaboração conceitual, frágeis num cenário onde tudo parece poder ser convertido em produto, e onde idéias e ideais — tidos antes como norteadores no processo de vida — demonstrem-se diluídos num corpo de fugazes e fragmentárias identidades, constan-

temente seduzido por um sem-limite de possibilidades e ofertas.

Um dos maiores problemas nesse processo é justamente o de se poder enfileirar todo e qualquer ente conhecido, natural ou manufaturado, artístico ou tecnológico, numa série idêntica de prateleiras para consumo, sejam estas agora virtuais ou reais.

Por outro lado, por mais móveis e “internáuticos” que sejam os meios pelos quais essa nova rede de consumo se amplia, cabe lembrar que toda ela necessita crescentemente de uma estrutura real que a viabilize.

Em recente matéria, a revista *Veja* destaca uma invenção um tanto esquecida nesse processo de serialização e dessimbolização pós-moderno: o contêiner. Citemos parte do texto: “Convencionou-se dizer que o avião, as telecomunicações e a Internet viabilizaram a globalização ao derrubar fronteiras e encurtar distâncias. Do ponto de vista do comércio mundial, no entanto, nenhuma invenção teve mais impacto do que o contêiner — aquela grande caixa metálica que pode transportar, por trens, navios e caminhões, produtos tão distintos como grãos de café e iPods”<sup>4</sup>. Segundo a revista, é hoje de 20 milhões o número de contêineres em atividade, capazes de circundar o planeta por três vezes se dispostos um atrás do outro.

Some-se aqui o estudo do professor Eduardo Italo Pesce, publicado pela *Revista Marítima Brasileira*, no qual importantes indicativos nos são oferecidos<sup>5</sup>: pelos mares, hoje, circulam 80% do comércio mundial, transportados por cerca de 50 mil navios de porte oceânico. No caso do Bra-

2 *Ibid.*, p.13.

3 Cf. Richard Sennett, “A cultura do novo capitalismo”, Rio de Janeiro: Record, 2006, p.31.

4 Cf. Giuliano Guandalini, “A caixa que encolheu o mundo”, *Revista Veja* (4/4/07): 104-105, São Paulo, Editora Abril.

5 Cf. Eduardo Italo Pesce, “A Marinha do Brasil e a Ordem Marítima Mundial do Século XXI”, *Revista Marítima Brasileira* 3<sup>o</sup>T. 2006: 89-108, Rio de Janeiro, SDM.

sil, o número é ainda mais expressivo, sendo 95% de seu comércio exterior realizado pela via marítima.

E é diante desse contexto de aceleração de um comércio internacional — sublinhe-se, extremamente dependente do transporte marítimo, azeitado por contêineres de apetite pós-moderno — que parecemos hoje nos encontrar.

Nesse mesmo ínterim, assume a Marinha do Brasil a responsabilidade pela consolidação de um novo emblema nacional, representante de nossa segunda Amazônia — estendida esta a 200 milhas náuticas (370 km) de todo o litoral brasileiro, representando um total de aproximadamente 4,5 milhões de km<sup>2</sup> —, a Amazônia Azul, patrimônio marítimo maior de nosso país.

Vê-se aqui inaugurando um símbolo síntese capaz de agregar em si campos de diversos interesses e investimentos em potencial, a ser colocado na ordem do dia de um “país-continente com pouca mentalidade marítima”<sup>6</sup>; símbolo que, não mera coincidência, vem a nascer em consonância com os atuais rumos da nova ordem global, fatalmente devotada ao mar.

Contudo, é de crucial importância — e aqui chegamos ao motivo que talvez justifique essas linhas — a propagação de uma Amazônia Azul para além da insígnia de um *it*, mas cercada de cuidados que apenas costumeiramente se devotam a uma “dama”.

Com efeito, falar em nome de nossa *Dama Azul* é garantir não só a possibilidade

de de atrair a atenção de nossos governantes, além da de nossas elites, ao potencial econômico, estratégico e até mesmo social desse setor<sup>7</sup>, mas também aí valer-se de seu frescor simbólico como medida de fortalecimento de nossa identidade, ampliadas as fronteiras de nosso “corpo-país”.

Por essa medida, a divulgação, e consequente consolidação simbólica da Amazônia Azul, faria avançar não só nossa mentalidade marítimo-comercial, como igualmente a de um sentimento renovado de Estado-nação, sentimento cujas deficiências nos tornam ainda mais vulneráveis às implicações dessimbolizantes e apátridas da cultura pós-moderna.

Enfrentar isso é estar atento à preservação e defesa de nossas fronteiras patrimoniais, rodeadas de olhares no estrangeiro, e que há muito assistimos assolar a Amazônia verde.

Compete-nos, dessa forma, atenção a uma Amazônia Azul da qual são extraídos 83% de todo o petróleo que produzimos<sup>8</sup>, fonte igualmente rica em biodiversidade, pesquisa, fármacos, pesca, turismo etc. Por outro lado, não pode restar diminuída em seu valor simbólico, a despertar nas gerações futuras aquilo de que não raro nos orgulhamos, tamanho o vigor de nossas matas, chapadas, bacias hidrográficas e quantas paisagens-símbolo Brasil afora.

Cabe afirmar, por fim, em consonância aos dizeres do professor Eduardo Italo Pesce, que uma maior valorização das ati-

**Assume a Marinha do  
Brasil a responsabilidade  
pela consolidação de um  
novo emblema nacional,  
representante de nossa  
segunda Amazônia**

6 *Ibid.*, p. 90.

7 Cf. Armando Amorim Ferreira Vidigal, Marcílio Boavista da Cunha, Luiz Philippe da Costa Fernandes et al., *Amazônia Azul: o mar que nos pertence*, Rio de Janeiro: Record, 2006.

8 *Op. cit.*, p. 93 [Dados ainda não atualizados em relação à descoberta do campo de Tupi, na bacia de Santos].

vidades marítimas proporcionaria, em sua medida, “uma mudança de enfoque essencial para viabilizar um novo ciclo prolongado de crescimento econômico e desenvolvimento social no País”, apoiada também na observância de uma conjuntura de mercado internacional a ampliar-se irremediavelmente nessa direção.

Quanto ao futuro, consolidado ou não o emblema da Amazônia Azul, fica ele aqui entendido também como expressão de um desejo por um novo tipo de olhar sobre os mares brasileiros. E que melhor espírito capaz de predizer o futuro senão aquele que constantemente o inventa?

✉ CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:

<POLÍTICA>; Poder Nacional; Política nacional; Soberania; Comando da Marinha; Amazônia Azul;